

Cordão da Mentira e seus 10 anos de rua

Cordão da Mentira and its 10 years on the streets

THIAGO B. MENDONÇA

Universidade de São Paulo (USP) São Paulo SP, Brasil

GUSTAVO ASSANO

Universidade de São Paulo (USP) São Paulo SP, Brasil

RESUMO

Há dez anos um estranho ato "carnavalesco" tomava as ruas de São Paulo no 1º de Abril. O Cordão da Mentira criou uma nova forma de ocupação das ruas, juntando o desfile com sambas engajados, intervenções teatrais e performances, mudança de nomes em placas de rua, e homenagens a militantes do passado e do presente. O eixo central desta manifestação é o terror de Estado no Brasil e suas manifestações na ditadura e no período democrático.

PALAVRAS-CHAVE

Intervenção, ato, desfile, escracho, samba

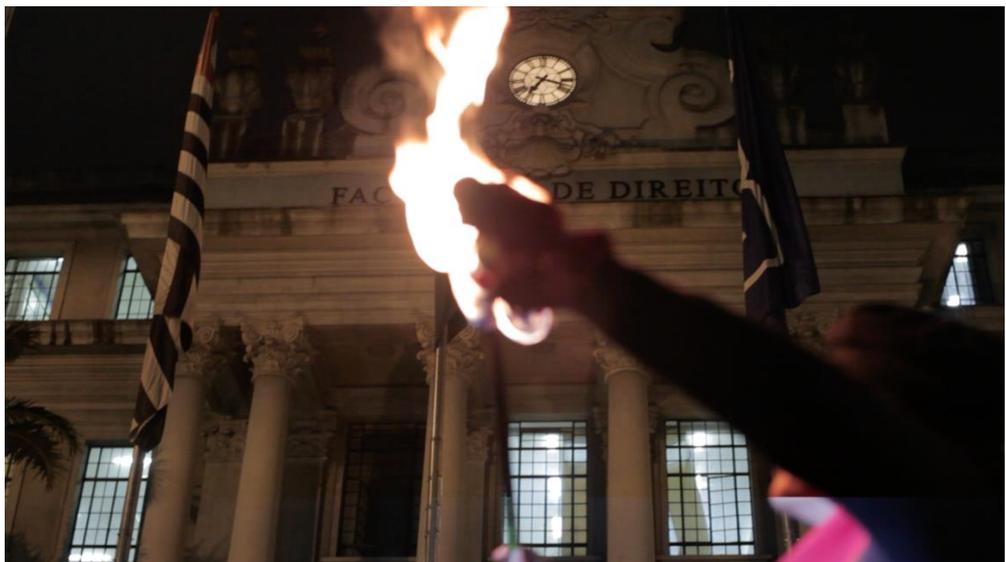
SUMMARY

Ten years ago a strange "carnavalesque" act took over the streets of São Paulo on April 1st. Cordão da Mentira created a new form of occupation of the streets, joining the parade with committed sambas, theatrical interventions and performances, changing the names of street signs, and paying homage to past and present political militants. The central axis of this manifestation is the State Terror in Brazil and its manifestations during the dictatorship and the democratic period.

KEYWORDS

Intervention, act, parade, *escracho*, samba

As fotografias são de autoria coletiva do Cordão da Mentira. Dentre as pessoas presentes nas fotos destacam-se Vera Lúcia Gonzaga das Mães de Maio (p.6), Alípio Freire (p.10), os compositores Renato Martins e Selito SD (p.15) e Débora Maria Silva - Mães de Maio (p.15). Colaboraram nas fotografias André Moncaio, Ronaldo Dimer, Cleisson Vidal, Leandro Safatle, Bruno Mello Castanho, Marco Escrivão, Thiago B. Mendonça, Caio Castor e Adriana Barbosa. (Nota da Revista).



“mente
ainda é uma saída
é uma hipótese da vida
mente”

No dia 1º de abril de 2012 tomava as ruas do centro de São Paulo pela primeira vez um estranho ato carnavalesco. Com uma liturgia própria, caminhando entre a solenidade e o escracho, o Cordão da Mentira estabelecia um novo ritual, de difícil assimilação para a esquerda institucionalizada. Bagunçado demais para um ato, solene demais para bloco de foliões, provocador demais para alguns, radical de menos para outros.

A configuração que o formava parecia pouco crível: militantes históricos, juventude “vida-loca”, intelectuais distintos, sambistas boêmios, grupos teatrais, movimentos de moradia e movimentos de familiares de vítimas de violência de Estado do passado e do presente: costurando essa barafunda, a dramaturgia do desfile mergulhava em uma geografia crítica da cidade, onde alternavam-se homenagens a espaços em que lutadores sociais um dia tombaram e escrachos cênicos a espaços que apoiavam ou eram centrais para fundamentar a violência institucional.

“...para de mentir canalha
para admitir a "falha"
para de omitir que a dita foi dura demais
para de fingir que é justa
para de fugir do Ustra
para difundir a farsa impressa nos jornais”
(Frevo da Falha, de Everaldo F. Silva e Douglas Germano)

“na mais descarada e tirana ironia
se vangloria o jornal: "matamos poucos!"
e os suínos velhos replicam novos porcos

que geram novas mortes desses novos dias
e não sumiram as marcas fundas, cicatrizes
e ouvirás toda a verdade e ela dói
pois todo mundo aqui é órfão de um herói
feito ausente por cães vis, cruéis juízes”
(Novos Porcos, de Selito SD e Thiago B. Mendonça)

O sentido do Cordão desde seu primeiro desfile&scracho foi denunciar os crimes de Estado do passado e do presente, traçando pontos de continuidade entre a ditadura e o que chamávamos de democracia, ou democracia dos massacres, estabelecida no nosso moroso e nunca aprofundado processo de transição. Aliás, após mais de trinta anos do início da democratização¹, ainda falamos em terminar um processo de transição inacabada em relação à ditadura que, segundo a história oficial, durou 21 anos. Não seria essa transição sem fim uma outra mentira, ao ocultar a verdade de que nossos governos pretensamente democráticos convivem muito bem com os aparatos autoritários do Estado brasileiro?

As ideias materializadas nos desfiles&scrachos carnavalescos buscam provocar no público inquietações, reflexões e sentimentos suscitados por intensos debates, desdobrados ao longo dos dez anos do Cordão, com a colaboração de inúmeros ativistas e artistas, representantes de diferentes formas de militância e orientação política. Essa prática heterogênea de reflexão impediu qualquer forma de instrumentalização que descaracterizasse o sentido de combatividade dos atos. O Cordão jamais serviu a uma tendência política específica e nunca se restringiu a uma franja desta ou daquela força organizativa dos campos de luta da cidade. Jamais se apresentou como evento de agenda cultural oficial, nem serviu de palanque da política institucional. Esta “inutilidade” do Cordão é, em muitos sentidos, fonte de sua força e capacidade de atração. O critério de unidade das diversas cabeças e vozes que exercem a imaginação criativa deste movimento é a procura por apontar as mentiras

¹ Usamos aqui a expressão democratização no lugar da mais corrente redemocratização por não considerarmos propriamente democrático o período anterior à 1964. O Brasil vivia um processo de democratização ainda embrionário e repleto de contradições naquele momento. É justamente este processo que é interrompido pela ditadura. Após a ditadura se constitui um novo processo de democratização, muito distante do anterior, inclusive abandonando o caráter mais transformador de sua feição reformista.

da ordem presente a partir de inquietações comuns, buscando a almejada “coragem de dizer a verdade”, tal qual formulada por Bertold Brecht em um texto clássico.

“...você aí
vendo o circo passar na janela
a versão corrompida na tela
não convence o coração
diz aí
não ouviu falar em Mariguella?...
nunca entrou numa favela?...
prefere não dar opinião
é melhor começar a pensar
numa nova saída
naquele moleque sem lar
nos trabalhadores sem terra
minha gente sofrida”

(Camarada Lampião, de Renato Martins e Roberto Didio)

O primeiro desfile teve como tema “Quando vai acabar a ditadura civil-militar?” A provocação do título pressupunha que a ditadura não havia terminado, pois suas estruturas seguiam vivas em nosso cotidiano. Nossas madrinhas e linhas de frente no desfile eram (e sempre serão) as Mães de Maio, movimento de familiares de vítimas da violência do Estado surgido em maio de 2006. Neste período a polícia, em revide aos ataques que sofreu do grupo criminoso PCC, matou aleatoriamente mais de 500 jovens em regiões periféricas de diversas cidades de São Paulo em um espaço de uma semana, em um dos maiores massacres urbanos de nossa história. A presença das mães na organização do Cordão foi de vital importância para mergulharmos em uma reflexão profunda sobre a violência de Estado no Brasil.



“mente
espalha essa fama
me chama de meu amor
constantemente
no meio de toda gente e a sós
entre nós dois mente”

O que pouca gente sabe é que a reflexão que deu origem ao Cordão não surgiu da academia, mas sim do samba. Foi uma rusga de sambistas, frequentadores do “Samba da Vela” que deu origem ao movimento. Tudo começou quando, em uma noite de segunda-feira, uma ex-presa política reconheceu integrando aquela roda de samba um de seus ex-torturadores, Pachequinho, antigo funcionário do DOPS e leal seguidor do deplorável delegado Sérgio Fleury Paranhos. A velha militante passou mal e, ao ser socorrida, contou o motivo de seu súbito nervosismo. Não era fácil encarar novamente o seu outrora carrasco.

“e após fartos gritos a boca se cala
com zunir da bala que o alvo atingiu
foram os malditos, com armas em riste
na cena mais triste que o olho já viu
como não bastasse, indignidade
cruzou a cidade "arrastada no chão
é a negra face, vexada, pra vala
deixando a senzala, voltou pro porão
em dias de guerra é assim
desde o fim da escravidão
em dias de guerra é assim
desde o fim da escravidão”

(Dias de guerra, de Fábio Goulart e Maurinho de Jesus)

A história indignou parte dos frequentadores e criou um racha no movimento. Pachequinho seguiu até sua morte como integrante do Samba da Vela, com apoio dos principais integrantes e com direito a homenagens póstumas. Como a maioria dos facínoras brasileiros, não foi incomodado em vida. Mas uma parte dos sambistas da Vela se afastaram do espaço em definitivo. Alguns deles convocaram uma reunião com outros sambistas paulistanos para organizar um ato. A princípio pensou-se em

encenar uma peça², mas logo surgiu a ideia de construir algo no meio do caminho entre uma procissão, teatro de rua e bloco carnavalesco.

As discussões foram crescendo e grupos teatrais, artistas e militantes das mais diversas vertentes e filiações se aproximaram. A chegada de diversas companhias do movimento de teatro de grupo de São Paulo também foram fundamentais para a caracterização cênica do desfile do Cordão (muitas delas inclusive encenavam na época peças que discutiam a ditadura e o terror de Estado no Brasil). Muito se discutiu (e se discute ainda hoje) sobre a necessidade do Cordão se descentralizar. Mas, ao final, o centro de São Paulo acabou sendo o lugar mais prático para os encontros de pessoas que vinham de regiões diversas, o meio do caminho. Entre conflitos intempestivos e bons encontros, selou-se uma aliança, formou-se um cordão, tecido em torno de convergências que surgiam no diálogo, geralmente realizados em mesa de botequins do centro de São Paulo (e como todo movimento heterogêneo, a existência do cordão gerou raxas, brigas, rompimentos e inimizades, mas também novas parceiras e irmandades inquebrantáveis).

“mente para dar um novo início
ninguém liga sacrifício
quando ele é o único meio”

² Um dos personagens da peça era o Chapecózinho da Vela, um torturador que acendia uma vela quando começava a torturar e só parava quando a vela apagava. Qualquer semelhança com o rito que ocorria no samba da vela e com seu ilustre frequentador talvez seja uma mera coincidência. Entre os sambistas presentes nesta primeira reunião encontravam-se alguns dos que formariam o seu núcleo duro da ala de compositores: Selito SD, Renato Martins, Everaldo F. Silva, Fabio Goulart e Roberto Didio.





O cordão se transformou com o tempo, e o tempo transformou o Cordão. Se nasceu denunciando o passado que nos assombrava, e que fora tão timidamente enfrentado pelas esquerdas após a democratização, hoje ele reage fragilizado à tomada de poder por uma miríade de expressões da extrema-direita: milicianos, militares, neo-petencostais, negacionistas e viúvas dos porões da ditadura das mais diversas vertentes. A caricatura que traçávamos como blague se tornou crônica política. Nos últimos anos, com a pandemia, ainda perdemos as ruas, nosso espaço natural de encontro, e assistimos alguns de nossos mais queridos integrantes partirem. Entre eles o ex-presos político Alípio Freire, um mestre, a quem ainda devemos um tributo à altura.

Neste aniversário de dez anos de Cordão, o cenário político complexo e a dinâmica histórica regressiva são um desafio à nossa capacidade reflexiva e nos coloca novos desafios políticos e estéticos. A relação entre verdade e mentira organizada em nossos desfiles precisa colocar-se à altura de nosso tempo. A tomada da rua como deboche à suposta normalidade democrática encontrou seu limite quando a extrema-direita radicalizada tomou o poder e impôs ao país um novo patamar de autoritarismo e mentiras (embustes que englobam a reconstrução mítica do golpe de 1964 e a heroicização de seus torturadores, passando por uma suposta conspiração de indígenas com ONGs estrangeiras para a internacionalização da Amazônia, chegando ao contemporâneo combate às vacinas). O desafio de enfrentar este novo regime radical de mentiras se impõe. No entanto, o aprendizado de uma década de Cordão da Mentira nos ensina que a resposta não pode ser nunca a substituição de uma mentira por outra. A verdade do sofrimento real acumulado, a verdade implacável e inegável dos exterminados e extermináveis que atravessaram os governos ao longo da história recente, nos mostra que o reverso da barbárie não é a restituição de uma “época de ouro” pós-abertura ou uma volta redentora aos anos Lula. Nem o mais empedernido otimista acredita que a queda de Bolsonaro corresponde ao fim das diversas modalidades de extermínio disseminadas pelo Estado brasileiro.

“eu já falei que não quero mais vingança
a guerra que eu quero é das almas dos meninos
o fogo que arda e incendeia o rico imundo
e ilumine com sua chama um novo mundo

que em algazarra os guris assassinados
possam voltar e cantar os chacinados
que nosso sangue escreva nova história
e ocupe o esquecimento com memória”

(Mãe de Maio, de Everaldo F. Silva, Selito SD e Thiago B. Mendonça)

A tragédia que vivemos pode ser o início de um novo pesadelo ou o fim de uma temporalidade mais longa e que acreditávamos derrotada, pois somos “um país feito num só golpe”, parafraseando o filósofo Paulo Eduardo Arantes. O que deveria estar em disputa: romper com o ciclo iniciado pela ditadura, lutar pela derrocada de um projeto vitorioso de modernização conservadora fundamentada na concentração de renda, sustentado por uma máquina profissional de extermínio dos “indesejáveis”.

Buscaremos um outro projeto, crítico ao modelo que hoje impera? Que repense nossa relação com o consumo, que enfrente a questão ambiental, que distribua renda e direitos e desmonte a lógica de execução sumária consolidada após o golpe? Ao que tudo indica, ao menos no curto prazo, não. Seguiremos o caminho conciliatório traçado por todos governantes desde o fim da ditadura. E, se assim o fizermos (e infelizmente nada aponta outro horizonte), talvez selemos nossa derrota, e até mesmo a mentira se tornará desnecessária, pois já não haverá espaço para dissidência. Mas, ao contrário do pragmatismo vigente, o sonho é livre, e nada impede que almejemos o que hoje nos parece impossível. Nossa matéria fundamental é a imaginação, devaneios articulados em letras de samba escritos por mãos calejadas, desejos que pulsam mesmo quando a realidade dita que não há caminhos. Para os que sonham, para os que precisam sonhar outro mundo, há ainda a vereda de dizer a verdade e denunciar a mentira, nada mais, nada menos. É este o compromisso que o Cordão da Mentira conseguiu transformar em tradição, ainda que jovem.

“...comuna e coluna postadas bem perto
lá da barricada já fiz o que pude
com tripa de mico e bolinha gude
por entre os escudos achei descoberto
grosso supercílio que deixei aberto
montado em exemplo de gente da gente
não mais me abala a mais cruel cena
nem mais uma bala fará com qu'eu tema

seja de borracha, seja de chumbo quente...

por entre os escudos eu miro um temente”

(Batalha final d'um bravo brigante, de Serginho Poeta, Everaldo F. Silva e Selito SD)

“...e aí quando esse dia chegar

meu povo enfim, despertar

num levante triunfal

é que quer o ver

onde é que vai se esconder

quem nos causou tanto mal

o medo vai trocar de lado

quando sentir consternado

a força da voz geral

em lugar de abatimento

sonho no semblante

sem rancor sem desespero

o nosso olhar adiante

quem da ilusão ao desalento

resistindo forja o tempo, inflama

traz do suor o argumento

da geral, a voz, a vida, a chama”

(Voz Geral, de Renato Martins e Everaldo F. Silva)

Eis a contradição do Cordão da Mentira: talvez Bolsonaro com todas suas gazopas seja a verdade de nossa ruína. O fim da ditadura e suas barbáries não se converteu em seu inverso. A democracia dos massacres é o espelho invertido da esquerda punitivista, que faz ode ao consumo e ao empreendedorismo. Uma esquerda que convive com massacres, que brinca com empresários e seus bancos imobiliários e que celebra o latifúndio. Uma esquerda que é o pai dos pobres e a mãe dos ricos. Uma esquerda que ao se deparar com a extrema-direita e sua destruição não criadora, se converte em paladina da ordem e do progresso. Bolsonaro é um bufão que não cora com suas mentiras. Mas o que nós da esquerda conseguimos

dizer ao presente? Conseguiremos dizer a verdade? Se o pior cego é aquele que não quer ver, não seria o pior mentiroso aquele que sem querer mentir, mente?

“pois na mentira, meu amor
crer, eu não creio
só pretendo que de tanto mentir
repetir que me ama
você mesma acabe crendo”³

³ A canção que apresentamos nos intervalos do texto é o clássico “Mente”, de Eduardo Gudin e Paulo Vanzolini.





Sobre os autores

Thiago B. Mendonça é diretor de cinema, roteirista e montador. Bacharel em Ciências Sociais e pós-graduando em Cinema na ECA USP. Recebeu por seus filmes mais de uma centena de prêmios em festivais nacionais e internacionais. Entre seus curtas estão “Minami em Close-up”, “A Guerra dos Gibis”, “Piove, il Film di Pio”, “O Canto da Lona”, “Entremundo”, “Procura-se Irenice”, “O Karaokê de Isadora” e “Belos Carnavais”. Seu 1o longa-metragem, “Jovens Infelizes ou Um Homem que Grita não é um Urso que Dança”, foi o vencedor da Mostra de Cinema de Tiradentes de 2016 e premiado em festivais em Portugal, Estados Unidos, México, Colômbia, Venezuela e Argentina. Seu segundo longa-metragem, “Um Filme de Cinema”, participou de alguns dos mais importantes festivais internacionais voltados para o público infantil. Dirigiu a série “Vozes da floresta”, sobre a Aliança dos povos da floresta, pela qual recebeu uma bolsa Pulitzer e a Série “50 grandes filmes brasileiros”, para a HBO. Trabalha como roteirista para importantes diretores da nova geração do cinema brasileiro, com destaque para sua parceria com Adirley Queirós, com quem colaborou em 4 filmes. Co-dirigiu trabalhos com Adirley, Zózimo Bulbul, entre outros diretores. Atua junto a grupos de teatro paulistanos como o Coletivo Comum e o Grupo Folias. Coordena junto à Rede Emancipa o Cinemancipa, escola popular de cinema, e ministra cursos de audiovisual em diversos espaços. Colabora com diversas publicações como crítico de cinema (Revista Época, Le Monde Diplomatique, Valor Econômico, entre outras).

Gustavo Assano é graduado em letras e jornalismo, mestre em filosofia, doutorando em teoria literária e literatura comparada na Universidade de São Paulo e investiga o teatro de São Paulo há mais de 10 anos.

Recebido em 05-02- 2022 – Aprovado em 25-03-2022

Como citar:

Mendonça, Thiago B.; Assano, Gustavo (2022) Cordão da Mentira e seus 10 anos de rua. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.3, n.1, p.1-18, jan./jun. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n1-2022-64551>

Esta versão está publicada em *Ahead of Print*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.